



maravilhosa do espirito com a materia, onde se unem as duas vidas, — a da materia e a do espirito, ou este vivifica a materia, constituindo a vida animada, dous modos ou especies de vida, a vida moral e a vida absoluta ou material; n'aquella impera a alma e constitue por si e em seu aperfeiçoamento, a luz que o guia na vida, e nesta desobedece o corpo, define a alma, e apparecem as trevas que lhe vendão os olhos e o aproximão dos irracionaes. E na verdade o que ha de bello, de grande e maravilhoso no mundo moral e intellectual que não dependa da influencia que a alma exerce sobre a vida?

O nosso aperfeiçoamento, a pratica da caridade, a virtude, a abnegação, os sacrificios que fazemos dos nossos desejos e paixões ao nosso dever serão phenomenos inexplicaveis? Não: é a manifesta influencia da alma sobre a vida. E nos mesmo indigenas, selvagens e barbaros o que significão suas caçadas, pescas, fugas, medo e terror que concebem por occasião d'um facto que os admira? E' a alma mantendo a vida e tendendo naturalmente a conserval-a. Assim pois affirmamos que não só a alma exerce grande influencia sobre a vida, como qu'essa influencia é requisito indispensavel á vida moral: e por tanto que « A vida como consequencia d'uma organização physica está sob a direcção d'alma ».

### Ao collega do «Argonauta» Veritas.

Sabe collega, quanto a fidelidade engrandece e eleva o homem. Até mesmo entre entranháveis inimigos se exige esta qualidade, por isso que ella só não habita corações callosos e inaccessiveis a todas as virtudes civicas e moraes; sabe que se bem que não conheçamos de perto e distinctamente, temos empregado os nossos primeiros annos, a melhor parte da nossa vida na indagação do que encerra o seu *sympathico nome* = *Veritas*. = Si não temos sido assaz feliz na consecução de tão desejado fim, seja imputada tal falta á deficiencia de nossa curta intelligencia. Ora, si somos naturalmente amigos como fica provado, porque não nos fazemos mutuamente conhecer ou ao menos entender?

*Nos, si non est in aere piscare, anhelabimus hoc obtinere! quia!* . . . Sim empregaremos esforços.

Fazemos as nossas acanbadas pesquisas abrigado na fragil barquinha que nos concede a nossa inauthorizada razão e nosso raciocinio. Não nos é permittido (como ao collega) navegar sem receio, penetrar o alto mar, vencer difficuldades, conquistar ricos thesouros, alcançar *Velus Aureum ac Medeam*, o que afoutamente fariamos si nos fosse conferido um asylo na grande e gigantesca *Argo*.

Vê o collega que tambem não se nos deve imputar os naufragios e a digressão ao seu *porto Simetrico*, por quanto se lá passamos, como diz, fomos, durante o somno, impellido *proca-cibus austris*, tanto que nenhuma lembrança

conservamos deste *seu lugar! admirabile visa!* Não se dignará o collega dizer-nos de que mar é esse *magico e simetrico porto!*

Expliquemo-nos: Lemos attentamente o seu escripto, e, fallamos com franqueza, não obstante o admirarmos, todavia nada n'elle encontramos que negasse a these que sustentamos affirmativamente, ou ao menos implicasse com o nosso escripto: ficamos no pé em que estavamos, não disse pro e nem contra, e só. . . . . Sim duas cousas attrahião-nos seriamente a attenção: 1.<sup>a</sup>, o modo admiravel e synthetico de resolver questões por meio da sciencia sobrenatural: e 2.<sup>a</sup> as difficéis questões que nos oppoz e com que poz remate ao seu admiravel escripto!

Sobre isso esperamos assentimento do collega, para fazermos algumas observações. Sobre o primeiro assumpto diremos: O objecto da questão de que se trata e sobre o qual nos prometteo o collega uma solução clara e luminosa quando disse: « vamos resolvel-a com alguma clareza » é do dominio das sciencias da ordem natural, é um facto complexo por pertencer não só á noologia como á physiologia: porem por ser um facto complexo, sobre o qual até hoje não se tem podido dar uma solução satisfactoria é que devemos referil-o ao dominio da theologia? Não. Neste e outros factos semelhantes o que domina é o raciocinio guado pela razão, é a obervação attenta, é a analyse aturada e profunda, é finalmente a intelligencia de baixo de todas as suas formas, determinada pela actividade voluntaria. Não negamos que Deus é a causa efficiente e primaria de todas as causas e por consequente de todos os effeitos ou de tudo quanto existe: porem estes effeitos são por sua vez causas immediatas de muitos outros phenomenos que cabem debaixo de nossa percepção e que nos cumpre estudar, procurando conhecer as suas causas relações, caracteres, especies &c.

Se não nos fosse dado ao menos isso, seríamos verdadeiros automatos: não teriamos intelligencia nem actividade, nem privilegio algum do que constitue-nos o rei da criação; e quando qualquer coisa se offerecesse á nossa vista, apenas diriamos: E' Deus! . . . é Deus! . . . é Deus! . . . e nem isto porque, para se enunciar um juizo, é preciso presuppor-se alguma actividade e conhecimento.

Em factos semelhantes ao de que tratamos, não podemos, como nos do dominio da theologia, nos firmar na Fé e dizermos: Deus é um em tres pessoas distinctas; Maria é virgem no parto, antes e depois do parto. Não collega! . . . se não nos é dado fazer alguma coisa por nós mesmos acerca de qualquer questão, ao menos devemos enumerar as muitas soluções ou tentativas feitas por philosophos celebres para resolvel-a; ao menos comparar os diversos systemas e vermos qual é mais conforme á razão, ao menos distinguir a vida da alma da do corpo ou conhecermos a identificação destas duas vi-

das constituindo a vida animada, isto é, a alma vivificando o organismo! Assim julgamos o seu modo de deduzir inconcludente e pouco logico.

2.º Passemos á solução das questões que se dignou propor-nos; ate nisso o collega revela talento e juizo, por saber aquilatar o nosso diminuto conhecimento, escolhendo questões que lhe parecerão facéis e por isso na altura de serem por nós resolvidas. Porém é licito confessarmo-nos ainda fraco; todavia confiado na sua benevolencia passamos a resolvê-las.

QUESTÕES.

« O que é philosophia? Como se divide? Como se escreve? »

1.ª Questão. « O que é philosophia? »

SOLUÇÃO.

Segundo Platão—Philosophia é a sciencia das cousas divinas e humanas e das leis q' as regem.

Aristoteles define: Philosophia é o conhecimento verdadeiro, certo e evidente das cousas naturaes por suas causas.

Macrobio define: Philosophia é a arte das artes e a disciplina das disciplinas.

Segundo L.ão - Philosophia é: *cognitio eorum s' principii s' eidenter deducta.*

Bossuet e Bonald definem: sciencia de Deus do homem e da sociedade.

Descartes, Malbranche e Laromiguière definem-na: sciencia dos principios.

M. Geruzez define: sciencia do eu como introdução á sciencia de Deus e do mundo physico.

M. Beautain define: 1.º o amor da sabedoria em seu principio subjectivo; 2.º a indagação da verdade em sua tendencia e em seu acto; 3.º o conhecimento do eu em seu primeiro effeito; 4.º a sciencia do eu e do não eu em seu resultado ou em seu termo.

Não recordamo-nos da definição de Diogenes. O collega lembra-se?

Qual de todas estas definições é a verdadeira e mais conforme ao espirito da sciencia philosophia?

2.ª Questão: « Como se divide a philosophia? »

SOLUÇÃO.

A philosophia divide-se em psychologia, logica, moral, theodicéa e historia da philosophia.

Será procedente esta divisão nas partes em que está feita, e na ordem em que estão dispostas? Não será mais racional que a philosophia se divida somente em duas partes, psychologia e theodicéa, visto como é a sciencia do espirito em geral, e o espirito divide-se em espirito finito ou creado, e espirito infinito ou increado, vindo assim considerar-se as outras tres divisões improcedentes e por isso redundantes?

E no caso affirmativo tambem não é racional que a theodicéa preceda á psychologia, visto como tem por objecto immediato Deus que é a causa ou origem de tudo, e qualquer factó deve ser estudado começando-se por sua origem? No caso contrario, isto é, si acha procedente a primeira divisão, tambem não será de rigorosa necessidade que a theodicéa preceda a moral, visto como, sem o conhecimento explicito de

Deus tornar se hião sem peso e authoridade as regras e preceitos da moral?

3.ª Questão. « Como se escreve a palavra philosophia? »

SOLUÇÃO.

Encontra se em obras correctas publicadas já no principio deste seculo a palavra philosophia escripta com f, a primeira e penultima syllaba; hoje porem, escrevem na quasi sempre com ph, as referidas syllabas. Somos levado a crer que tanto estes como aquelles não errão: estes aproximão-se da orthographia grega e aquelles que viverão n'uma epocha não remota em que que os conhecimentos humanos estavão quasi como no estado actual, tambem se fundão em alguma razão que nos deve merecer fé. O collega como projecto no estudo da historia da origem das linguas digno-se dizer-nos, quaes escrevem o certo, estes ou aquelles?

Digno-se collega perdoar-nos qualquer falta em que por acaso podemos ter encorrido durante as nossas observações, assim como resolver as difficuldades que nos impedem satisfazer-lhe na solução das questões que se dignou propor-nos. *Um estudante de philosophia.*

LITTERATURA.

Passatempo.

En face deste orbe terraqueo, obra excelsa do poder supremo, espaventa-se a razão dos passos agigantados do progresso.

A consciencia, regimem da razão, vacilla sobre as ondulações do seculo aureo como a fragil nau sobre as encapelladas vagas do oceano. Tudo é luz, porem luz cujo brilho ficticio já não refulge com o resplendor da realidade.

A verdade, porem em contra posição aos desvaneios da fingida crença, e aos premeditados anhelos de corações maliciosos, com robusto vigor, ostenta-se ao mundo phisico discipando o nevoeiro de incorrecões que formão as trevas da confusão. As inconveniencias se agitam, e eis as lides do progresso. O mundo parece retroceder em face de tantas innovações. Aos encomios avantajados segue o rediculo e a este acrece a idoneidade do progresso. Porem como considerar esta scena verdadeira, si as suas causas são variadas? Será esta a verdade, a sacra luz da essencia increada, a palavra divina, o cigillo da fé?

Será esta—a palavra precatada, que engrandece os esperitos e mitiga os corações torturados? Não, é a palavra do progresso, é a scena magestosa do seculo das luzes, que tem por base a phantasia; é o apuro das distincões onde não impera a igualdade—esta palavra por excellencia, objecto do amor divino em relação ao amor humano, que qual o Edystone de Plymouth, que sobre as equoreas plagas ostenta os seus corruscantes; brilhos em auxilio aos viajores assim ella em auxilio da realidade, transpondo os umbraes das illusões—faz reverberar sobre o universo o candido emblema da verdade!

**Conferencia publica.**

Domingo 20 do corrente foi proferido pelo Illm. Sr. Dr. Eugenio Telles da Silveira Fontes no salão da assembléa provincial um brilhante e importantissimo discurso,

Não obstante já fazerem os ouvintes uma ideia assaz vantajosa do Dr. Fontes, todavia o seu discurso forçou a quantos o ouvirão a formarem o conceito mais elevado e sublime que é possível, do seu genio, talento e illustração.

Não conhecemos, senão de longe, ao Sr. Dr. Fontes, e nem a nossa humilde posição no mundo do saber permite-nos o direito de emitir a nossa opinião acerca de um facto tão superior ás nossas aspirações. Todavia obedecemos a um lei natural, á homenagem que reclama o merito.

O espirito humano soberbo ás vezes de sua origem e fim, eleva-se, vóa e chega á altura onde todos o contemplão como que transpondo as portas do mundo natural; d'ahi não só todos o veem como são forçados a vê-lo: é como a deslumbrante luz do relampago, que se impondo á todas as vistas, parece forçar ainda os seus órgãos d'aquelles q' nascerão inacessíveis á luz.

E na verdade não ha limites que não transponha, dificuldades que não supere, verdades que não conceba, mysterios que não atinja, ignorancia que não discipe, corações que não abra, attenção que não incite, paixões que não ateie; é a magica voz do *Merito* que reclama homenagem, aplauso e admiração!

O Sr. Dr. Fontes (não desojamos offender a sua modestia) é dotado d'um genio raro, d'uma invenção admiravel, d'uma eloquencia transcendente, d'uma declamação amena e agradável: sua linguagem veemente, sublime e apurada, torna-se ás vezes ostensiva, florida e apparatusa, sem que todavia deixe respirar incongruências ou pouca varonilidade. Serve-se as vezes de imagens vivas, de pinturas brillantes, de tropos e figuras ousadas, sem que se faça obscuro: é claro e preciso quanto é possível desejar-se. Serve-se com propriedade, e com uma viveza e phantasia maravilhosa do *dialogismo*, da *prosopopeia* e *idolopeia* introduzindo a fallar suas ideias e concepções como se fossem entes animados e intelligentes!

O seu discurso é um sublime quadro onde se deixa ver pintado o espirito humano no seu maior grão de aperfeiçoamento e elevação intellectual; é um luminoso anel da grande e preciosa cadeia das sciencias: é finalmente uma torrente que tudo arrasta, um iman que tudo attrahe, uma voz que a todos agrada, deleita, convence e persuade!

A MULHER—foi o objecto de seu discurso, deificou-a elevando ás mais altas espheras do mundo ideal, onde só á um raciccinio ousado é dado attingir; comparou-a de um modo vantajoso a tudo que ha de grande, elevado e exímio no mundo dos nossos conhecimentos: fez sentir quanto no seculo presente desdenhamos a mulher, não concedendo-lhe a liberdade e pre-

vilégios de que é digna como membro importantissimo da sociedade, e a negligencia ou quasi-não cuidado na sua educação; mostrou a sua utilidade e importancia á sociedade, e o lugar distincto que deve occupar na ordem dos entes privilegiados pelo Creador.

Deixou porém o Sr. Dr. Fontes sobre o assumpto apparecer ideias por demais innovadoras; permittanos, pois sobre este ponto discordarmos de sua authoridade e opinião.

Todos sabem que a mulher, em muito casos escravizada, não goza, em toda plenitude, da liberdade e privilegio de que é digna como mae da sociedade, anjo da paz, esposo do homem e calcunha principia da ordem social; porém, por isso é que devemos cair no extremo opposto? de despartar a ordem e lei natural da natureza? Não. Curo-se da sua educação, de um modo serio e expedito: mitem-nos os mysterios das sciencias: aperfeiçoem-nos, e não se apoz de desempenhar activa e filiaente os seus deveres. Não, porém, não a obrigam a fazer mais do que lhe infligiu o autor da natureza. O seu aperfeiçoamento e o cumprimento dos seus deveres, por um lado, e a educação dos filhos do homem, e a manutenção da ordem da sociedade, por outro, são os seus deveres.

A sua constituição delicada, o seu temperamento e flexivel, o seu caracter necessariamente passivo, as suas forças e facultades limitadas, a sua mostra a diversidade de condições, e em tudo que lhe são conferidos naturalmente. Si não a justiça é o anjo maravilhoso da terra, e fonte inextinguivel de belleza e encantos; a terra de muitas vezes é força motora de infortúnios, fonte perenne de males, ruínas e existencias indilivéis e inextinguíveis.

A emancipação da mulher é a mais indesejavel que se pode introduzir na sociedade; que se lhe concedesse a liberdade, que deixasse de ser o instrumento do governo desordenado e tyrantico do tyranino que a possuía, que fosse restituída ao homem em dignidade, era justo, e isto elle concedeu a moral christã: onde se lhe conceder todos os respetos e honrarias, já como filha da belleza, já como o primente encanto do vicio e já como creatura veneranda a quem todos devemos o ser. Ultrapassam esses limites: tiram a sujeição paterna e marital, que preservão na da fragilidade de que é susceptivel; fazel-a arbitra de suas acções; regula-lhe de sua conducta tiral-a do seio e recdo da familia, e lançal-a no fluxo da perdição, e proclama os seus preceitos e mandadil-a com o que ha de mais vil e ignominioso sobre a terra!

É profanar as leis divinas, e confundir o que Deus deixou essencialmente distincto, é destruir a ordem!

Uma mulher cura das almas, bispo, medico, cirurgião, advogado, general, almirante, magistrado, representante da nação, ministro d'estado, jurado, votante, eleito & é uma verdadeira caricatura social: diz o Dr. F. J. Correia.

Assim discordamos inteiramente n'este ponto da opinião que o Illm. Sr. Dr. Fontes, patenteou no seu discurso com relação a emancipação da mulher.